



INICIAÇÃO FILOSÓFICA NA ESCOLA BÁSICA: em busca da aprendizagem significativa

RIBEIRO, Jennyffer Patricia de Souza ¹

RAMOS, Beatriz de Oliveira ²

FRANKLIN, Karen ³

RESUMO: Para alcançar uma educação integral, sabe-se que não se deve apenas inserir novas metodologias nas aulas, mas sim, sabê-las aplicar de modo assertivo e significativo, para que o educando, através das aulas, possa se beneficiar de um convívio social direcionando-os para a construção de um sujeito autônomo, ético e social. Para isso, desenvolveu-se certas práticas filosóficas junto à escola Municipal Castro, localizado no bairro Xaxim, do município de Curitiba-PR, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o projeto “Filosofia na Infância: diálogos entre Filosofia e Literatura Infantil”. A promoção de práticas diversas da escola tradicional proporciona uma nova aprendizagem, que foi observada no decorrer das atividades. Assinala-se a mudança na compreensão sobre questões gerais e específicas, por meio de metodologias e com práticas pedagógicas que de modo lúdico e divertido, fixaram conceitos e conteúdos necessários para a convivência em sociedade e desenvolvimento das habilidades argumentativas, que trouxeram como resultado um envolvimento mais efetivo dos estudantes com questionamentos e comentários, autonomia para deliberar sobre situações cotidianas da sala de aula, curiosidade e investigação em busca da verdade sobre aquilo que escutaram alinhados a levantamento de hipóteses.

PALAVRAS-CHAVE: iniciação filosófica; aprendizagem significativa; filosofia; ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Ressignificar as metodologias e práticas educacionais para alcançar resultados promissores no processo de ensino-aprendizagem, focando em uma aprendizagem significativa, são objetivos de uma educação que tem o educando como sujeito principal deste processo, que deve se modificar e considerar a realidade e experiência dos estudantes.

Uma aprendizagem com inspiração construtivista, que leva em conta o percurso de cada estudante no processo de aprendizagem, tem na filosofia e nas práticas filosóficas um recurso essencial para auxiliar as mudanças na educação. A

¹ Graduanda em Licenciatura de Pedagogia, Bolsista PIBID, UFPR, *Campus* Setor de Educação, jennyfferpsribeiro@ufpr.br

² Graduanda em Licenciatura de Pedagogia, Bolsista PIBID, UFPR, *Campus* Setor de Educação, oliveiramos@ufpr.br

³ Doutora em Filosofia, Coordenadora de área PIBID, UFPR, *Campus* Setor de Educação, karenfranklin@ufpr.br

filosofia escolar proporciona ao estudante experiências que contribuem para a exposição e defesa suas ideias, através de uma argumentação consistente, tomadas de decisões pela deliberação e, todo esse processo, é mediado e facilitado pelo professor. Nessa perspectiva, a educação passa a ser renovadora na construção de uma sociedade democrática com cidadãos autônomos e conscientes.

Para alcançar essa educação significativa, é necessário sensibilizar as escolas públicas na compreensão da importância da inclusão da filosofia no currículo do ensino fundamental, entretanto, a realidade é outra. De modo específico, no município de Curitiba – PR, as escolas não possuem filosofia no ensino fundamental, mas temos experiências exitosas através de projetos, como o da UFPR, que através do Programa PIBID, levou a filosofia para crianças do ensino fundamental da escola municipal Castro, localizada no bairro Xaxim, no município de Curitiba – PR, a partir de um projeto que visa oferecer uma ótica diferenciada das práticas filosóficas na infância, quebrando estereótipos e proporcionando aos estudantes uma educação voltada ao pensamento crítico, reflexivo, por meio do desenvolvimento de habilidades de argumentação e autonomia de pensamento. A metodologia utilizada foi por meio de leituras e discussão de novelas filosóficas, livros literários, brincadeiras e ludicidade.

2 METODOLOGIA

O artigo discorre sobre uma experiência prática e pesquisa teórica, que iniciou com o Programa PIBID da UFPR e que tem como práticas a união de metodologias ativas que visam o educando como o centro do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, buscou-se unificar diferentes práticas de uma educação filosófica para os anos iniciais do ensino fundamental.

Para mostrar resultados desta prática, foi utilizado uma pesquisa qualitativa com duração de aproximadamente um ano letivo (de 2023), com aulas quinzenais, em torno 4 horas/aula e com aproximadamente 15 estudantes de 8 e 9 anos, do 3º ano do ensino fundamental. Os dados aqui expostos foram obtidos através da observação e aplicação do projeto do PIBID, que tem como objetivo a introdução filosófica para crianças do ensino fundamental, de modo específico, na EM Castro.

As aulas do projeto eram iniciadas com os estudantes sentando-se no chão, formando uma roda, de modo que pudessem estar lado a lado e visualizassem a todos,

criando um ambiente que os deixassem confortáveis e seguros para falar. Em seguida era lido um trecho da novela filosófica *Uma viagem pela Filosofia: o encontro* (2021), de Karen Franklin. Esta saga filosófica ou novela filosófica, consiste em uma história de aventura alinhada aos conceitos filosóficos, deste modo, a criança é introduzida às questões filosóficas através do lúdico e aprende sem ser imposta aos conceitos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para escolher o método de aula a ser usado é necessário compreender a diferença entre uma aula tradicional e aulas inspiradas na educação construtivista.

As aulas tradicionais tiveram sua raiz no sistema de ensino que guiava a sociedade burguesa do século XIX, que colocava a educação como um direito de todos e com o objetivo de construir uma sociedade democrática, entretanto, ganhou força no final do século XX (Leão, 1999).

Nunca se havia discutido tanto a formação do cidadão como durante os seis anos de vida da Revolução Francesa. A escola pública é filha dessa revolução burguesa. Os grandes teóricos iluministas pregavam uma educação cívica e patriótica inspirada nos princípios da democracia, *uma educação laica, gratuitamente oferecida pelo Estado para todos*. Tem início com ela a [sic] idéia da unificação do ensino público em todos os graus. Mas ainda era elitista: só os mais capazes podiam prosseguir até a universidade (Gadotti, 1995. p.88, grifo do autor).

O reflexo da educação tradicional dos séculos XIX e XX, ainda trazem consequências negativas para a formação do estudante de forma integral e não contribui significativamente com sua formação cidadã e autônoma. Nesse sentido, ainda se enfrenta questões de fracassos, baseadas na prática de docentes em metodologias tradicionais, onde a transmissão de conhecimento e o centro do processo.

“Espanta-se quem analisa o sistema educacional tradicional em suas minúcias, pois, mesmo com reformas frequentes, [...] nosso sistema educacional não é eficiente, principalmente com aqueles que mais precisam dele: as crianças” (Franklin, 2023, p. 51), pois, ao olhar cuidadosamente para as salas de aula, percebe-se ainda a existência de traços da educação tradicional como o posicionamentos de carteiras alinhadas umas atrás das outras, utilização de memorização como método de alfabetização, falta de empatia com a realidade do educando que, muitas vezes,

passam dificuldades financeiras e/ou problemas na estrutura familiar, que refletem na indisposição ou falta de concentração durante as aulas e, nesses casos, professores tradicionais forçam o estudante a aprender em vez de ajudá-lo a desenvolver respeitando seu tempo.

No entanto, a metodologia construtivista coloca o estudante como sujeito principal no processo de ensino-aprendizagem. Certamente essa é uma tendência para a escola do século XXI, porém ainda se enfrenta barreiras na formação de professores.

O construtivismo visa o pensamento crítico alinhado à práxis, de modo a formar o educando preparado para viver em sociedade, seguindo não apenas as regras e leis, mas como cidadão ativo e autônomo, que possui consciência crítica e reflexiva (DANIEL, 2008).

A partir dessa perspectiva é possível conceber aulas e práticas que envolvam as crianças com seu próprio processo de aprendizagem e não focando nos instrumentos específicos que normalmente a educação tradicional dispõe para as escolas. “Nesse sentido, não é a forma como colocamos e retiramos preceitos e instrumentos que faz a educação ser eficiente para todos os partícipes, mas sim como fazemos que ela aconteça” (FRANKLIN, 2023, p. 53), ou seja, independentemente dos instrumentos e materiais, que podem ser de última geração, as aulas terão êxito se o resultado for o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa voltada a autonomia e cidadania das crianças. As habilidades dos educadores nesse processo devem ser aprimoradas através de uma formação mais robusta e qualificada, no sentido de perceberem-se facilitadores de aprendizagem e não detentores de conhecimento.

As mudanças metodológicas que visam o educando como personagem principal são essenciais para uma aprendizagem significativa e efetiva. Deste modo, Mathew Lipmann (2001) em seu livro *Filosofia na sala de aula*, discorre sobre uma metodologia que possa ser ajustada à criança, o que pode ser chamada de “Filosofia para criança”, ou seja, pensada para ela onde tem na iniciação filosófica seu principal movimento. A reflexão filosófica, desde a infância, busca desconstruir estereótipos e preconceitos, não apenas sobre a Filosofia, mas também sobre a vida social em geral. A metodologia filosófica valoriza o estudante, pois prescinde dele para desenvolver o processo reflexivo. Essa perspectiva, reforça a percepção de John Dewey (1859-

1952), que anteviu “[...] que a filosofia tinha que ser redefinida como cultivo do pensamento ao invés de transmissão de conhecimento” (LIPMAN, 1990, p. 20), em outras palavras, a educação deverá “criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção [...]” (FREIRE, 1996, p. 47).

Como forma de desconstruir as aulas tradicionais, o primeiro passo a ser dado em sala de aula, foi a disposição dos estudantes, que substituí a forma que costumeiramente se sentavam nas suas carteiras enfileiradas, por uma disposição circular, sentados no chão.

Nas primeiras aulas, os estudantes, através de um questionário teórico, responderam não saber o que era ou para que servia a filosofia, mas disseram que era importante ser curioso e fazer perguntas.

Durante o desenvolvimento das atividades do projeto, as conversas iniciais eram diálogos simples e com direcionamento da conversa pelas estagiárias do PIBID, através de perguntas ou comentários. Essa metodologia foi introduzida às crianças através de conceitos filosóficos e temas importantes de socialização, cidadania e autonomia de modo natural, sem conteúdo maçante e não significativo para elas.

Assim, a construção do significado do que está sendo discutido, aliado ao conhecimento preestabelecido, que cada educando possui (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 2001), podem ser assinalados como pontos de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem, pois, o mediador de forma alguma deve excluir a realidade e o conhecimento que o educando possui, e deve lembrar que ensinar é “uma especificidade humana” (FREIRE, 1996, p. 145), assim, tudo o que será trabalhado em sala, fará sentido ao estudante se ele perceber que o tema é parte da sua realidade fora da escola e que ela está sendo inserida no conteúdo. Nesse sentido, pontua-se que se o professor conseguir instruir de modo que desperte no educando o sentimento de pertencimento, conseguirá desenvolver uma aprendizagem prática e significativa.

Com o decorrer das aulas, foi observado como eles já se organizavam sozinhos para os encontros, seus questionamentos passaram a ser embasados em conceitos estudados, houve progresso na aprendizagem do respeito ao outro, no tempo de fala e no momento de escuta, pois cada um sabia o momento certo de falar e de escutar.

Um exemplo deste desenvolvimento é nos momentos das falas dos estudantes, que passaram expor suas ideias da seguinte forma: “minha hipótese sobre...”. Esse

exemplo evidencia o entendimento do significado de hipótese sem a necessidade de ter dado o conceito teórico da palavra.

Outro conceito vivenciado na prática, é o de deliberação. A partir da novela filosófica, do diálogo e das dinâmicas, os estudantes compreenderam a importância do debate, da argumentação e da escuta para as tomadas de decisões.

Essa era uma ação corriqueira na sala de aula, pois a cada conflito que surgia, alguém tomava a liderança da sala e dizia “vamos deliberar” e assim, eles tomavam a decisão conforme a participação de todos e sem interferência das professoras, ou seja, a autonomia dos estudantes e o senso de participação social estão presentes nas suas vidas, sendo desenvolvidos progressivamente.

Os conceitos foram trabalhados de modo que fizessem sentido para o estudante, assim, materiais como novelas filosóficas, textos ou músicas, mostram ser necessários para direcionar as temáticas que serão base para as rodas de conversas e atividades práticas, que são importantes para a fixação do conteúdo de forma lúdica e divertida (LIPMAN; OSCANYAN E SHARP, 2001).

O livro *Uma aventura pela filosofia: o encontro* aborda temas científicos como, por exemplo, o sistema solar. Esse é um tema que gera muita curiosidade dos estudantes, o que auxiliou no desenvolvimento participativo e ativo deles, que traziam muitas perguntas, comentários, dúvidas sobre o que viram na internet ou na televisão.

Permitir que o educando fale livremente, sem receio ou medo é uma forma de vivenciar na prática a educação de inspiração construtivista, que auxiliou na compreensão de que a ciência não é uma verdade absoluta, que ela é mutável e que necessita de constante estudo, pesquisa, dúvidas e investigação para se chegar a uma resposta. Assim, os estudantes concluíram que não é simplesmente acreditar no que está nas plataformas e redes sociais, precisam deliberar o que ouvem e leem.

É notável que o papel do professor é essencial como mediador e facilitador do conteúdo e do diálogo, além de ter o dever de não se autocolocar como detentor do conhecimento (Lipman; Oscanyan e Sharpp, 2001), pois, quando o professor permite que o educando se expresse e exponha suas ideias, gradativamente se constrói uma relação de confiança entre aluno-professor e, conseqüentemente, haverá uma participação maior dos estudantes nas rodas de conversa e nas atividades.

Esse tema científico também abordou de modo lúdico a alegoria da caverna (Platão, 2017), que fala sobre pessoas presas em uma caverna, acreditando nas

sombras que lhes eram projetadas, até que um dia, alguém resolve sair do comodismo e enxergar a realidade. A alegoria demonstra que sempre há um primeiro impacto, o incômodo das vistas (olhos), mas com o tempo, há a percepção que a realidade ou a verdade, por mais que incomode no início, traz benefícios para a vida.

Para contextualizar o tema com a realidade e dar sentido aos estudantes, foi realizado a mediação de leitura do livro *O segredo da caverna: a fábula da TV e da internet*, de Wagner Bezerra (2011), que fez com que a alegoria da caverna ganhasse novo significado, ou seja, a história antiga, contada por Platão (2017), foi contextualizada na atualidade, onde as pessoas acreditam em tudo o que está postado nas redes sociais, sem buscar a verdade sobre as informações.

Essa metodologia de aula, foi necessária e crucial para que os estudantes compreendessem a importância de não acreditar em tudo o que passa na televisão ou na internet. Inclusive, a mudança de comportamento em relação a não acreditar em tudo, foi perceptível, pois, no início do projeto, os estudantes falavam muito sobre notícias e vídeos que viram no Youtube, seguidos de comentários como “é verdade isso, eu vi na internet”. Nos encontros finais, eles falavam “precisa pesquisar antes para saber se o vídeo é verdade”; “há muitos vídeos que são *fakes*, por isso não podemos acreditar em tudo”; “é importante pesquisar, perguntar, ler e ver quem fez os vídeos para saber se é verdade”.

Essas são frases que demonstram que esses estudantes já desconstruíram seus pensamentos de senso comum e caminham em busca compreensões científicas que podem ser verificadas.

Sem citar conceito ou autor, os estudantes aprenderam sobre o método cartesiano desenvolvido por René Descartes (2006), que visa buscar a verdade, sem deixar qualquer dúvida sem o devido esclarecimento.

De acordo com Daniel (2008, p. 39-40), pode-se considerar que existem diversas categorias de discussão como a anedótica, que consiste em um diálogo influenciável por outras ideias e que são apresentadas de forma conclusiva e sem justificar suas perspectivas; monológica, quando há a busca pela resposta correta, porém ,ainda com dificuldade de justificar suas opiniões; a dialógica, quando os estudantes refletem a partir de um objeto em comum, buscam as justificativas de suas ideias, não sendo necessariamente, o início de um diálogo crítico; dialógica semicrítica, que consiste quando o estudante consegue avaliar criticamente os comentários dos

colegas, mas ainda não consegue se autoavaliar criticamente e, dialógica crítica, quando os estudantes conseguem ter a consciência da busca pela verdade, procuram esclarecer as inconsistências e incertezas, conseguem justificar seus entendimentos pronunciar suas ideias em forma de hipóteses e modifica-las se necessário.

Ao considerar que cada criança se desenvolve em um tempo diferente, progressivamente os estudantes foram adquirindo habilidades discursivas mais complexas do que no início do projeto. As conversas, que inicialmente eram anedóticas, passaram a ser, ao longo do projeto, para a maioria das crianças, monológica e dialógica.

Alguns estudantes com habilidades mais desenvolvidas, alcançaram ao final do ano letivo, discussões dialógicas semicrítica e crítica, ou seja, quando expunham suas ideias sobre o tema abordado, traziam em seu enredo discursivo, a fala “minha hipótese”, justificavam com firmeza suas posições, sendo capazes de mudar a opinião do restante do grupo ou até mesmo, mudar sua própria opinião, ao perceber alguma contradição.

Vale deixar registrado, que os processos de aprendizagem do projeto não é um método finalizado e sim um processo, ou seja, foi apenas uma introdução ao conhecimento filosófico que se tornou exitosa e auxiliou outros processos da aprendizagem escolar.

Deste modo, a novela filosófica, literaturas que conversem com o tema da aula, músicas, poemas e qualquer outro material que trabalhe a ludicidade do estudante, mostrou que são um auxílio importante à aprendizagem significativa, no entanto, devem ser bem conduzidas.

Com isso, pode-se afirmar que o desenvolvimento dos estudantes da escola básica, que participaram da experiência desenvolvida pelo projeto de iniciação filosófica do PIBID, foi positivo e integral, pois, não apenas desenvolveram a questão filosófica e o questionamento, mas também, perceberam o significado das aulas para a vida deles fora da escola. Nesse sentido, pode-se evidenciar que a educação que coloca o estudante como centro da aprendizagem, que permite ao estudante falar de sua realidade, expressar suas ideias, que permite questionar, investigar, duvidar e buscar as respostas, faz com que este se desenvolva também como pessoa pertencente a uma sociedade, que vivencia sua cidadania, autonomia e compreende o valor da ética e das habilidades argumentativas. Percebe-se que no processo os

estudantes puderam vivenciar a desconstrução e construção de novas ideias e pensamentos para guiar suas escolhas, que farão diferença para si e para o outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordamos como a educação tradicional e as práticas escolares dos séculos XIX e XX, como manter os estudantes sentados enfileirados, não permitir falar durante as aulas, questionar ou tirar dúvidas, deixá-lo com receio de erguer a mão e expressar suas ideias, ter que aceitar tudo o que o professor fala durante a aula como verdade inquestionável. Esses expedientes não fazem mais sentido quando o objetivo é a formação cidadã, no qual o estudante compreende o contexto que vive, que pensa por si próprio e sabe quais decisões tomar e tem consciência que suas decisões afetarão a si e aos outros.

Percebe-se que as práticas filosóficas no ensino fundamental contribuem para acabar com o preconceito com a própria filosofia, é um passo importante para as mudanças que a escola tradicional necessita. Aprimorara as práticas da educação construtivista na discussão de como a filosofia pode contribuir pontual ou globalmente na vida das pessoas.

Utilizar a filosofia como meio para consolidar as mudanças no sistema educacional atual, auxilia na transformação de comportamento do educando, proporcionando práticas que ensinam a pensar, duvidar e investigar para construir seu conhecimento, rejeitando completamente as práticas da educação tradicional que impõe apenas a memorização um conhecimento pronto, no qual o estudante deve absorver e reproduzir. A contribuição da filosofia no ensino fundamental é vasta, pois “para aprender, é preciso filosofar, preparar o futuro respeitar os direitos dos outros e fazer amizades. Conviver assim, com diferentes [*sic*] ideias, é o que faz a pessoa tornar-se cidadã” (VELOSO, 2001).

Veloso (2001) mostra a importância da cidadania, não apenas para o indivíduo, mas para o indivíduo pertencente a uma sociedade. Essa formação cidadã é importante para a construção da consciência do senso de coletividade, argumentação e do seu lugar no mundo (Ibid, 2001), formação essa, que inicia fortemente na sala de aula.

Nesse relato das práticas do projeto PIBID da UFPR, que teve a iniciação filosófica na escola básica como objetivo principal, trouxe uma experimentação prática

com inovações metodológicas, demonstrando que é possível modificar o cenário da educação tradicional para uma educação construtivista que valoriza o educando e sua formação integral. Essa prática foi possível pelo acolhimento na escola pública de tais inovações e pela oportunidade de as acadêmicas praticarem o que aprendem na sua formação inicial, ou seja, novas metodologias e práticas pedagógicas que condizem com o resultado de uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, W. **O segredo da caverna: a fábula da TV e da internet**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DANIEL, M. F. Pressupostos filosóficos e pedagógicos de Matthew Lipman e suas aplicações. In: LELEUX, C e colaboradores. **Filosofia para criança: o modelo de Matthew Lipman em discussão**. Penso, 2008. p. 31-52.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. Tradução de: OLIVEIRA, P. M. 2. Ed. Bauru: EDIPRO, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANKLIN, K. **Uma Viagem pela Filosofia: o encontro**. Curitiba: CRV, 2021.

FRANKLIN, K. **Filosofia no ensino fundamental**. Curitiba – PR: Intersaberes, 2023.

GADOTTI, M. **Histórias das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.

LEÃO, D. M. M. **Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista**. Cadernos de Pesquisa, nº 107, p. 187-206, jul. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PwJJHWcxknGGMghXdGRXZbB/>. Acesso em: 02 jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000200008>.

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F. S.; SHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula**. Tradução de: MARCONDES, A. L. F. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PLATÃO. **A República**. Tradução de: MIORANZA, C. São Paulo: Lafonte, 2017. Título original: The Replupic.

VELOSO, V. C. **O filosofar como educação para cidadania**. Philos. Revista Brasileira de Filosofia no Ensino Fundamental. Filosofia e Cidadania. Ano 8. n. 16. p. 69-72. Florianópolis, 2001.